

“Estamos perseguindo a evolução”

Empresário, sócio-diretor Royalciclo, foi prefeito de Rio do Sul (2005-2008 e 2008-2012) e secretário de Estado da Defesa Civil (2013 - 2014). Eleito deputado estadual em 2014, se licenciou para, a convite do governador Raimundo Colombo, retornar à Defesa Civil estadual. Nessa entrevista exclusiva à **Coluna Pelo Estado**, Hobus falou dos resultados positivos da secretaria e do que ainda se pretende fazer. Ele garante que não há mais necessidade de interferência política para se obter ajuda: “Conseguimos organizar um sistema de atendimento. Antes mesmo de o município solicitar alguma ajuda, nós já estamos lá. Somos os primeiros a chegar em uma intercorrência”. Hoje, além da base, em Florianópolis, a Defesa Civil estadual tem 20 coordenadorias regionais. Com essa rede, a ajuda humanitária chega às áreas afetadas em até 24 horas. Uma das preocupações do secretário é com a população que vive em áreas de risco e não tem condições financeiras para sair dessa situação por conta própria. “Já estamos na faixa de 350 casas modulares instaladas e temos ainda umas 2 mil famílias em área de risco e sem autossuficiência financeira. Temos que avançar para tirar as famílias dessa condição de vulnerabilidade.”



[PeloEstado] - Qual a taxa de sucesso das ações preventivas da Defesa Civil estadual?

Milton Hobus - O grande desafio é preparar o estado para conviver com as tragédias causadas pelos fenômenos climáticos adversos. Isso exige um grande esforço financeiro e tecnológico, que o Estado está fazendo com a montagem do Centro de Monitoramento e Alerta, com a execução dos planos municipais de contingência, que preparam a sociedade, com os equipamentos em instalação no estado inteiro e que entram em operação no ano que vem com o novo centro. Seguramente, estaremos muito melhor preparados para o enfrentamento. Acredito que tivemos uma evolução bastante grande, porque não se trabalhava com o alerta preventivo. Mesmo ainda não tendo todo o aparato tecnológico pronto, temos certa eficiência nos alertas preventivos e já existe uma conscientização da sociedade, o que tem ajudado nosso trabalho.

[PE] - Como foi essa ação nas ocorrências de julho, que atingiram o Oeste?

Hobus - Dividimos o que aconteceu no Oeste em dois momentos e aí podemos ver bem onde estamos e para onde precisamos ir. Um momento foi a chuva muito forte, concentrada em uma região e em curto espaço de tempo. O alerta preventivo funcionou muito pouco, porque não tínhamos como precisar a concentração e a localização, tínhamos apenas o volume. Esse é o desafio, o *para onde temos que ir*. Por outro lado, todo o acompanhamento com base na informação do volume de chuva nas calhas de rios, como o Uruguai, que afeta vários municípios, foi exitoso. Entramos em contato com as geradoras de energias, que passaram a gerar em potência máxima para soltar mais água, e fizemos a curva de aceleração do rio para informar as cidades que poderiam ser atingidas. Esse foi um

trabalho muito positivo, porque tiramos as pessoas só de onde era de fato necessário. Em Ipumirim, por exemplo, a água chegou a entrar na cidade, mas não ameaçou vidas, porque as comunidades já tinham sido deslocadas. Portanto, já conseguimos trabalhar de forma eficiente nas situações de inundação lenta dos grandes rios por volume de chuva. Agora temos que olhar para os casos de grandes enxurradas.

[PE] - De que forma?

Hobus - Aí entra todo o aparato tecnológico que está sendo montado. Hoje já temos um grande volume de informações dos satélites, o radar meteorológico de Lontras... mas temos que avançar. Estamos nos preparando para licitar a modelagem hidrogeológica, que vai dar o levantamento planialtimétrico de cada bacia, toda topografia, mostrando cada riozinho de contribuição e o tipo de geologia de cada trecho para que se calcule a capacidade de absorção da água pelo solo. Essas informações vão alimentar um *software* que, com isso, fará a previsão do horário e do nível da enxurrada, rios que vão transbordar e ainda indicará as ações preventivas adequadas. A esse estudo vão se somar mais dois radares, cobrindo todo o território catarinense. E isso é necessário porque o satélite informa quanto vai chover, mas o radar detalha indicando a concentração e a área da chuva. É o radar que nos capacita para o alerta de curto prazo. E é nesta direção que estamos indo. Com todo esse aparato tecnológico, vamos poder fazer alertas orientativos com precisão.

[PE] - Em quanto tempo todo esse sistema estará pronto?

Hobus - No final do ano que vem. E com um grande diferencial: as informações chegando ao cidadão. Além da integração dos serviços de defesa civil estadual e municipais, dos planos de contingência municipal, que define quem faz o que para as ações de prevenção

de cada cidade, contratamos a Fapesc (Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica) para o desenvolvimento de uma plataforma *web* na qual todos os nossos 295 municípios estarão. Daqui do nosso centro em Florianópolis, com apenas um *click*, será possível acionar cada uma dessas pessoas pré-identificadas. Ainda vamos ter um aplicativo, para ser baixado em *smartphones* por exemplo, e de livre acesso, pelo qual serão emitidos os alertas da Defesa Civil para qualquer região de Santa Catarina quando necessário. Isso vai criar uma nova cultura de proteção na sociedade catarinense. Essa é a evolução que estamos perseguindo.

[PE] - O radar meteorológico de Lontras está operando?

Hobus - Está funcionando plenamente. Tivemos problemas com a queima de circuitos por uma diferença no sistema de aterramento entre o nosso, que segue a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), e o deles (fabricante dos EUA). O problema já foi superado e não houve prejuízo financeiro para o Estado. Esse radar é uma ferramenta indispensável para os alertas de curto prazo. Tanto é que precisamos de mais dois radares para cobrir o nosso território. Mas esses outros equipamentos farão parte do sistema nacional de radares, dentro do qual dois equipamentos virão para Santa Catarina, um na região de Chapecó e outro Sul do estado. Nos dois casos, o investimento será do governo federal. A nós caberá a instalação e a operação. O edital de licitação deve sair ainda no mês de agosto. Estamos acompanhando de perto, porque esses dois radares fazem parte do nosso planejamento.

[PE] - Há recursos para tudo o que está sendo planejado?

Hobus - Todos os recursos estão assegurados. Só nessa parte de sistemas preventivos, construção do Centro de Monitoramento e

Alerta e aparelhamento tecnológico são R\$ 25 milhões, valor já assegurado por financiamento do Banco do Brasil, já contratados e já garantidos dentro do *Pacto por Santa Catarina da Defesa Civil*.

[PE] - Como está a desocupação das áreas de risco?

Hobus - Uma vez que o Estado passou a ser presente na resposta aos desastres, fizemos um trabalho pró-ativo de identificação dessas áreas e estamos provocando os municípios para que façam o mesmo. Existem muitos casos já efetivados em mais de 50 cidades. E as prefeituras assinam um termo de compromisso para que a área desocupada permaneça assim. As famílias que não têm autossuficiência financeira para sair dali por conta própria, a Defesa Civil fornece as casas em terrenos cedidos pela prefeitura e já com infraestrutura básica.

[PE] - Esse projeto das casas modulares é inédito no país?

Hobus - Não temos notícia de nada semelhante no Brasil. As casas são produzidas aqui em Santa Catarina mesmo, pela Fischer, e a construção é modular. É uma casa pequena, mas digna e que pode ser ampliada também com módulos. Tem tratamento isotérmico, é resistente a ventos de até 180 quilômetros por hora, além do telhado ser resistente a granizo. Cada unidade custa R\$ 42 mil e a obra fica pronta em dois ou três dias, com uma equipe não superior a cinco pessoas. Já estamos na faixa de 350 casas instaladas e temos ainda umas 2 mil famílias em área de risco e sem autossuficiência financeira. Temos que avançar para tirar as famílias dessa condição de vulnerabilidade.

[PE] - Os kits de pontes seguem o mesmo conceito?

Hobus - Essa ideia surgiu de um momento de aflição quando era prefeito. Só em uma enxurrada a água levou 16 pontes de madeira. Nosso estado mudou muito. A

agricultura familiar se modernizou. O que antes circulava pelas linhas rurais em carroças, agora é transportado em caminhões. Soma-se a isso a nossa situação hídrica. Somos o terceiro melhor estado em recursos hídricos do país. Estamos cheios de pequenos rios que precisam ser atravessados. Daí a grande demanda por pontes. Na intempérie de julho no Oeste, a enxurrada levou 78 pontes! E todas no interior. As pessoas ficam isoladas, a produção se perde porque não tem como ser retirada das propriedades. Então, provocamos a nossa Engenharia para que desenvolvesse uma ponte que pudesse ser montada em um dia e capaz de suportar caminhões pesados. O custo ficou em menos da metade em relação a uma ponte construída da forma tradicional e a ligação fica pronta em até três horas depois que a prefeitura entrega as obras necessárias nas cabeceiras. Uma ponte de 5 metros de largura por 12 metros de comprimento custa R\$ 68,7 mil.

[PE] - Quando as 78 pontes perdidas em julho serão substituídas?

Hobus - Provocamos o Ministério da Integração. Eles adoraram o projeto, viram o resultado e sabem da importância da demanda. E, em parceria com o ministério, devemos ter todas substituídas em até quatro meses. A demora maior será a preparação das cabeceiras. Da mesma forma que nas casas, a empresa que produz essas pontes é catarinense, a Protensul, de São José.

[PE] - Como está o entrosamento com os municípios?

Hobus - Tivemos uma evolução muito grande. Desde 2013 realizamos vários seminários microrregionais sobre o tema. Os 295 municípios receberam um *kit* básico de defesa civil, com computador e GPS entre outros itens. Como o Estado é mais presente, a Defesa Civil passou a ser uma vitrine para os prefeitos.